



A discussão sobre a origem do mal no *De divini nominibus* do Pseudo-Dionísio Areopagita e sua dependência do *De malorum subsistentia* de Proclo
La discussió sobre l'origen del mal a *De divini nominibus* de Pseudo-Dionís Areopagita i la seva dependència de *De malorum subsistentia* de Procle
La discusión sobre el origen del mal en *De divini nominibus* de Pseudo Dionísio Areopagita y su dependencia del *De malorum subsistentia* de Proclus
The discussion on the origin of evil in Pseudo-Dionysius Areopagite's *De divini nominibus* and its dependence on Proclus' *De malorum subsistentia*

Matteo RASCHIETTI¹

Abstract: There are strong similarities between chapter IV of Pseudo-Dionysius Areopagite's *De divini nominibus* and Proclus' *De malorum subsistentia*, as pointed out by the research of Hugo Koch and Joseph Stiglmayr at the end of the 19th century, revealing a dependence of the former on the latter. The purpose of this article is to analyze this relationship of dependence and its consequences in the history of the interpretation of pseudodionysian works.

Keywords: Pseudo-Dionysius Areopagite – Proclus – Neoplatonism – Origin of Evil – *Parhypostasis*.

Resumo: Entre o cap. IV do *De divini nominibus* do Pseudo-Dionísio Areopagita e o *De malorum subsistentia* de Proclo há fortes semelhanças apontadas pelas pesquisas de Hugo Koch e Joseph Stiglmayr no final do sec. XIX, revelando uma dependência do primeiro em relação ao segundo. A finalidade deste artigo é analisar esta relação de dependência e suas consequências na história da interpretação das obras pseudodionisianas.

Palavras-chave: Pseudo-Dionísio Areopagita – Proclo – Neoplatonismo – Origem do Mal – *Parhypóstasis*.

ENVIADO: 21.09.2023
ACEPTADO: 25.11.2023

¹ Professor de *História da Filosofia Medieval* da [Universidade Federal do ABC \(UFABC\)](http://www.ufabc.edu.br). E-mail: matteo.raschietti@ufabc.edu.br.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

Introdução

A discussão sobre a origem do mal, pelo menos a partir dos tratados estoicos sobre a providência, é um dos temas preferidos não apenas da filosofia, mas também da literatura religiosa. No cristianismo, em particular, ela assume uma grande relevância por causa da cosmologia (alicerçada na exegese do livro do *Gênesis*), bem como da luta contra os gnósticos e os maniqueus. No neoplatonismo, depois de Plotino, não há filósofo de um certo relevo que não trate diretamente desse problema, que acaba se tornando um patrimônio comum das diferentes escolas filosóficas. Proclo também escreve seu próprio tratado, o *De malorum subsistentia* (*Sobre a existência dos males*), do qual, entretanto, só existe a tradução latina feita em 1280 pelo dominicano flamengo Guilherme de Moerbeke, um dos mais competentes e influentes tradutores de textos filosóficos gregos na Idade Média.

Esta tradução se esforça ao máximo para reproduzir o texto e o modo de expressão gregos, às vezes até às custas de tornar o resultado latino quase incompreensível. Há uma versão, ou melhor, uma “reprodução” de partes do texto de Proclo em grego, proveniente do século XI e realizada por Isaac Sebastokrator,² e nos séculos XX e XXI, sucedem-se várias tentativas de fazer uma retroversão do texto de Proclo com base na tradução de Moerbeke, nos escritos de Isaac Sebastokrator e em testemunhos de escritores bizantinos, sendo a mais recente a retroversão de Benedikt Strobel do *Tria opuscula* de Proclo.³

Antes disso, pelo menos desde o século XIX, uma forte tendência dos acadêmicos aponta as semelhanças marcantes entre o cap. IV do *De divini nominibus* do Pseudo-Dionísio Areopagita e o *De malorum subsistentia* do neoplatônico pagão, e a dependência do primeiro em relação ao segundo é utilizada pela pesquisa independente de Hugo

² THIRIET, Freddy. *James John Rizzo, Isaak Sebastokrator's « Περί της τῶν Κακῶν Ὑποστάσεως » (De Malorum Subsistentia)*, (Beiträge zur klassischen Philologie, Band 42), 1971. In: *Revue des Études Anciennes*. Tome 76, 1974, n°3-4, pp. 459-460.

³ STROBEL, Benedikt. *Proklo, Tria opuscula. Textkritisch kommentierte Retroversion der Übersetzung Wilhelms von Moerbeke*. Berlin, München, Boston: De Gruyter, 2014.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

Koch e Joseph Stiglmayr⁴ para situar a composição do *Corpus Areopagiticum* entre o final do século V e o início do século VI.

Se alguém fosse escrever uma biografia do autor dos quatro tratados e das dez cartas que o compõem, escreveria a biografia mais curta da história do pensamento. Com efeito, além das informações que esses escritos transmitem (e não seu suposto autor), não temos outra fonte segura. Excluindo a possibilidade de identificação entre o autor do *Corpus* e o discípulo convertido por Paulo (conforme o relato de At 17,34), o único caminho possível continua sendo da pseudonímia, mesmo que ela não resolva o problema da atribuição de forma inequívoca. Há consenso entre os especialistas, entretanto, sobre o fato de o autor ser um contemporâneo de Proclo ou um pouco mais tardio. Mais precisamente, Koch demonstra a proximidade entre o Pseudo-Dionísio Areopagita e o neoplatonismo em termos de doutrinas, estruturas e no uso da linguagem simbólica.

Por sua vez, Stiglmayr, um teólogo especializado na era patrística e na história do dogma no Oriente⁵, demonstra um interesse predominantemente doutrinário ao analisar os textos de Proclo e do Pseudo-Dionísio, e um de seus objetivos primordiais é reavaliar o papel dos escritos pseudodionisianos e de seu autor para o estudo da história da Igreja e dos debates teológicos da era patrística.

O resultado dos estudos detalhados de Koch e Stiglmayr é que o capítulo IV do tratado pseudodionisiano *De divinis nominibus* revela uma forte dependência do *De malorum subsistentia* de Proclo, literalmente ou quase literalmente, embora não seja uma cópia completa. Neste artigo será analisada esta relação de dependência.

⁴ KOCH, Hugo. "Proklus als Quelle des Pseudo - Dionysius Areopagita in der Lehre vom Bösen". In: *Philologus*, 54, 1895; STILGMAYR, Joseph. "Der Neoplatoniker Proclus als Vorlage des sog. Dionysius Areopagita in der Lehre vom Übel". In: GRAUERT, Hermann - PASTOR, Ludwig - SCHNÜRER, Gustav (org.). *Historische Jahrbuch* (Bd. 16). München: Herder, 1895, p. 253-273.

⁵ SCHÄFER, Christian. "Hugo Koch and Joseph Stiglmayr on Dionysius and Proclus". In: EDWARDS, Mark, PALLIS, Dimitrios, STEIRIS Georgios (org.). *The Oxford Handbook of Dionysius the Areopagite*. Oxford: Oxford University Press, 2022, p. 569.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

I. O problema do mal em Proclo

Entre as obras de Proclo (412-485) há três pequenos textos denominados *Tria opuscula*, que são dedicados aos problemas da providência, do livre arbítrio e do mal. De acordo com Paparella, eles representam a síntese final de toda reflexão filosófica e sapiencial da antiguidade grega sobre o problema do negativo.⁶ Ao discutir questões tão fundamentais como a natureza do mal ou o problema do livre-arbítrio, o filósofo neoplatônico parece dirigir-se a um público filosófico mais amplo do que o grupo privilegiado de alunos da sua escola. Ele provavelmente redige os três tratados na mesma ordem em que são transmitidos nos manuscritos e, apesar de lidar com problemas relacionados entre si, cada um tem seu próprio caráter.

No *De malorum subsistentia*, o filósofo de Constantinopla desenvolve de maneira sistemática a doutrina platônica sobre o mal, que desde Plotino tem sido discutida frequentemente na escola neoplatônica. É sua ambição, no entanto, quando tem algum “tempo disponível”, escrever uma revisão crítica das opiniões de seus antecessores e, acima de tudo, expor a doutrina do “divino Platão” a quem deve-se recorrer para esclarecimentos sobre este assunto:

Alguns que vieram antes de nós indagaram qual é a natureza do mal e onde tem origem, não superficialmente e nem por causa de outras coisas que permeiam essa teoria, mas em si mesmo, considerando se o mal existe ou não, e, caso exista, em que modo existe e de onde vem ao ser e à hipóstase. Portanto, não há nada de ruim se nós também escrevermos brevemente, tendo tempo disponível, a respeito das coisas que cada um deles disse convenientemente e que, antes deles, foram especuladas pelo divino Platão sobre a essência dos males: com efeito, entenderemos mais facilmente as coisas que foram ditas por eles e seremos mais próximos da compreensão dos problemas encontrando o conhecimento de Platão, como uma luz acesa para nossas questões posteriores.⁷

⁶ PROCLO. *Tria opuscula. Providentia – liberta – male*. Francesco D. Paparella (org.). Bompiani: Milano, 2004, p. 9.

⁷ “Mali naturam que sit et unde habet generationem quesiverunt quidem et eorum qui antes nos aliqui, non superflue neque aliorum gratia eam que de hoc theoriam transeuntes, sed ipsum secundum se malum sive est, sive non, et si est, qualiter est unde in esse et ypostasim venit hoc considerantes. Nihil autem deterius etiam nos aliterque et vacationem habentes scribere breviter que horum singuli dicunt



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

Às indagações dos filósofos anteriores, Proclo acrescenta uma série de questões que exigem uma resposta:

- a) se o mal existe, é de natureza sensível ou inteligível?
- b) se tem realidade inteligível, deriva de um princípio ou não?
- c) se não tem princípio, tem ou não realidade substancial?
- d) se não tem realidade substancial, como é que surgiu o mal, dado que o princípio de tudo – o Bem – tem uma natureza totalmente diferente?
- e) se a providência existe, como é possível o mal?

À primeira questão (se o mal existe ou não), o filósofo neoplatônico dá uma resposta negativa: não pode existir aquilo que, por definição, não participa de modo algum ao princípio de tudo que é o Bem:

Mas se, como dizemos, o Bem está acima do ser e é a fonte dos seres, pois todas as coisas que em algum modo existem e foram geradas desejam por natureza o bem, em que modo o mal seria algo entre os seres se ele mesmo é excluído de tal desejo? Muitos dizem que o mal “precisa existir pois é necessário que exista algo contrário ao bem”; mas, algo que é totalmente contrário, em que modo desejará a natureza que lhe é contrária? Ora, é impossível que algum dos seres não deseje o bem, pois todas as coisas que são foram feitas e existem em virtude desse desejo e são conservadas por causa dele; portanto, se o mal é contrário ao bem, ele não faz parte dos seres.⁸

recte, et ante hos que divino Platoni de malorum essentia speculata sunt: nam illorum dicta intelligemus facilius et comprehensioni quesitorum propinquius semper erimus, Platonis inventientes intelligentiam et velut lumen accedentes nobis hiis que inde questionibus.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula*. Helmut Boese (ed.). Berlin: Walter de Gruyter, 2011, p. 172. Todas as traduções foram realizadas pelo autor do artigo.

⁸ “Si autem, sicut dicimus bonum supra ens et fons entium, quia omnia qualitercumque entia et genita secundum naturam bonum appetunt: quomodo est malum unum aliquod entium, si erit a tali appetitu exclusum? Multo ergo opus est malum esse, quia bono aliquid omnino subcontrarium esse necesse; subcontrarium enim omnino, quomodo utique appetet contrariam naturam? Bonum autem non appetens esse aliquid entium impossibile: omnia enim entia et facta sunt et sunt propter desiderium istud et salvantur secundum hoc; quare, si malum contrarium bono, malum non est entium.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula*, *op. cit.*, p. 174.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

Entretanto, os defensores da existência do mal fazem questão de invocar a realidade concreta que testemunha o conflito real entre o bem e o mal, a virtude e o vício e – no interior das almas – entre as paixões e a razão; além disso, sem o mal, o processo de geração e de corrupção não seria possível, porque nada se corromperia e, conseqüentemente, nada poderia nascer:

Os vícios, então, não são vícios apenas teoricamente, mas cada um deles deve realmente ser um mal. O mesmo deve ser dito do bem: com efeito, nunca um bem menor é contrário a um bem maior, como tampouco um calor menor é contrário a um calor maior e nem um frio menor é contrário a um frio maior. Portanto, se se admitir que os vícios da alma pertencem à natureza do mal, é demonstrado que o mal faz parte dos seres que existem.⁹

5. E não é só esta a razão, mas é também porque o mal corrompe qualquer realidade: com efeito, que o mal seja isto foi demonstrado por Sócrates na *República*, quando diz justamente que o bem de cada ser é aquilo que o conserva e, por causa disso, todas as coisas têm um desejo inato do bem; de fato, todas as coisas têm o ser e são conservadas por causa do bem, assim como, vice-versa, o não-ser e o ser corrompido devem ser atribuídos à essência do mal. Então, é necessário admitir que ou o mal existe, ou nada pode corromper nada; mas assim estaria acabada também a geração; de fato, se não houvesse corrupção dos entes, nem a corrupção seria possível.¹⁰

Proclo responde a estas objeções fazendo uma distinção entre o mal absoluto (que, por definição, não existe) e o mal relativo, que, pelo contrário, existe em entidades reais como uma deficiência de bondade e ser:

⁹ “Maiores quidem malitias non solum ratione esse malitias, sed enter malum unamquamque; et non minus bonum: nusquam enim contrarium maiori bono le minus, sicut neque maiori calido minus calidum neque magis frigido quod minus. Si autem anime malitie nature mali confiteantur, ostensum utique erit malum in entia facere.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula*, p. 178.

¹⁰ “Et non hac solum, sed et quia malum corruptivum est uniuscuiusque: hoc enim esse malum et qui in Politia Socrates demonstravit, dicens congrue quoniam et bonum est uniuscuiusque quod uniuscuiusque salvativum, propter quod et appetitus boni omnibus; nam esse et salvari omnibus inde, sicut rursus le non esse et corrumpi propter naturam mali. Necesse igitur aut <...> nichil esse nullius corruptivum; sed sic generatioque concidens stabit: corruptivis enim non entibus, neque corruptionem esse possibile.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula*, *op. cit.*, p. 178-179.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

Então, se quiseres, nosso juízo é este: existem males de dois tipos – assim como foi falado antes – o primeiro dos quais é o mal absoluto e não misturado com o bem; o segundo não é absoluto e está misturado com a natureza do bem.¹¹

Uma vez que o primeiro mal ou o mal absoluto não existe, não pode ser identificado com a matéria, como defende Plotino: de acordo com o filósofo de Licópolis, de fato, o princípio do mal para a alma deriva do seu afastamento do Uno para se unir com um corpo material, participando da sua falta de medida e de forma. O princípio do bem, portanto, deverá consistir na conversão e retorno da alma ao Uno após subtrair-se das amarras que a prendem ao corpo:

Se então o corpo é causador dos males, a matéria seria também aí causadora dos males. Mas era preciso dominá-la, um outro diria. Mas não puro será o que pode dominá-la, se não fugir dela. E mais intensos são os desejos para esta fusão dos corpos, uns e outros desejos de uns e de outros corpos, de modo a não haver domínio em cada um, e mais fracos seremos mesmo para julgar pela vileza dos corpos, ficando entorpecidos e impedidos, e os desejos contrários nos fazem sem lastro.¹²

Proclo, ao invés, afirma que a matéria deve ser definida – de acordo com a doutrina platônica do *Timeu* – como a natureza do necessário e o receptáculo da geração:

Se, então, a matéria é necessária para a existência do Todo e se o universo não seria “esse deus grandíssimo e bem-aventurado” se a matéria não existisse, em que modo poderíamos encontrar nela a natureza do mal? De fato, uma coisa é o mal e outra coisa é o necessário; esse último é aquela realidade sem a qual é impossível ser, enquanto o primeiro é a privação do próprio ser. Pois então, se a matéria é necessária para a construção do universo inteiro e foi produzida, na origem, para ser o receptáculo da geração e como uma espécie de mãe ou de ama-de-leite, como se poderia ainda sustentar que ela é um mal, aliás, o primeiro mal?¹³

¹¹ “Sit igitur hec apud nos, si velis, sententia: malum esse duplex – ut ita dicam primo –, hoc quidem akraton et non mixtum malum cum bono solum, hoc autem non akraton neque non mixtum ad boni naturam.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 186.

¹² PLOTINO. *Enéadas* I e II (trad.: Juvino A. Maia). João Pessoa (PB): Ideia, 2021, I, 8, 8, p. 169.

¹³ “Si autem et necessarium materia ad omne et non utique esset mundus omnimode magnus iste et felix deus materia absente, quomodo adhuc mali naturam ad hanc reducendum? Aliud enim le malum, et le necessarium aliud; et hoc quidem est tale sine quo esse impossibile, hoc autem ipsius esse privatio.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

Se a matéria não é má, *a fortiori* o corpo também não é. Retomando a doutrina do Filebo platônico, Proclo pode assim concluir que a matéria enquanto “ilimitado” (*ápeiron*) e o corpo enquanto “mistura” (*miktós*), tendo sido gerados por deus, não são males mas bens:

Que a matéria não possa ser considerada como o primeiro mal é suficientemente demonstrado por Sócrates no *Filebo*, pois, nesse diálogo, ele afirma que o ilimitado é gerado por deus como ilimitado substancial, dependente de uma causa e, sobretudo, incapaz de realizar aquela mistura dotada de um limite; deus, com efeito, é causa das substâncias e da composição. O corpo também, enquanto corpo, é reconduzido a uma única causa, isto é, deus; ele, com efeito, determinou a “mistura”. Portanto, nem o corpo e nem a matéria podem ser o mal: eles são gerados por deus, um como mistura e outra como ilimitado.¹⁴

Proclo, no que diz respeito ao problema da origem do mal, criticando as teses avançadas por outros filósofos responde que os males – ao contrário dos bens, que remontam a uma causa única, o “Bem Único” – possuem causas múltiplas, indeterminadas e particulares, todas caracterizadas, no entanto, pela deficiência e impotência, ou seja, pela negatividade; portanto, seu modo de existência deve ser definido – segundo o filósofo neoplatônico – pelo termo *parhypóstasis* ou existência parasitária:

Então, a causa final – pela qual todas as coisas existem – não pode ser admitida em nenhum modo entre os males, pois não seria adequado que o bem fosse o fim dos males. Entretanto, como as almas que perseguem o bem e fazem de tudo para ele realizam também o mal, alguns, por esses motivos, chegam a acreditar que para os males a causa final seja o bem. Com efeito, em virtude desse bem, todas as coisas são realizadas, seja as boas, seja as contrárias a elas; nós, quando agimos mal, fazemos isso por ignorância

Si igitur et ad condituram simul omnis mundi sui ipsius exhibet opportunitatem et producta est primitus susceptaculum generationis futura et velut nutrix et mat er, quomodo utique adhuc dicitur malum et le prime malum?” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula*, *op. cit.*, p. 212.
¹⁴ “Sed et quod materiam non prime malum ponendum, sufficienter, ut estimo, ostendit qui in Filebo Socrates, ex deo infinitatem generans. Si autem et ex se infinitum materiam dicendum, ex deo materia, *sive* le prime infinitum substantialem omnem infinitatem ex una causa dependentem divinitus egenerari dicendum, et maxime earn que cum fine facere mixturam non potentem: et enim subsistentie ipsorum et mixtionis deus causa.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula*, *op. cit.*, p. 216-218.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

quanto à natureza desses atos, apesar do nosso desejo pelo bem. E, talvez, a melhor solução seja negar aos males qualquer princípio eficiente, qualquer modelo conforme à natureza e qualquer fim em si: com efeito, a forma e a natureza deles é a falta, a indeterminação e a privação; o modo de existência deles – como se costuma dizer – é mais parecido a uma espécie de existência parasitária.¹⁵

Quanto à última questão (como é possível haver o mal se existe a providência?), Proclo responde afirmando a compatibilidade do mal com o poder providencial. Pois, como o mal que tem alguma forma de existência está sempre misturado com o bem, ele se enquadra no desígnio providencial e se inclina como um instrumento dócil para os fins desse poder:

Se, então, tudo deriva da providência e nenhuma realidade é má, enquanto existe e procede da providência, por que seria absurdo admitir que o mal pode ter um lugar entre os seres na medida em que obtém sua existência da alma, e que a mesma coisa pode ser um mal para os seres particulares, mas um bem para os seres universais? Ou melhor, não será que, para os seres particulares, só será um mal na medida em que provém deles, mas não será um mal na medida em que provém dos seres universais? De fato, não só a atividade traz sua bondade da providência, mas também o agente. Eis, portanto, em que sentido o bem existe neles, quero dizer, nos males das almas: pois só assim a providência conservará sua credibilidade e não deixará nenhum desses males participarem da própria alma.¹⁶

¹⁵ “Quod autem cuius gratia omnium minime ponendum in hiis: non enim utique | congruet finem esse malorum bonum. Sed quoniam anime omniquaue bonum venantes et huius gratia omnia facientes et mala agunt, sie utique aliquis forte putabit et malorum finem esse bonum. Huius ergo boni gratia omnia, et quecumque bona et quecumque contraria: et enim hec ignorantia sui ipsorum nature agimus, bonum desiderantes. Et forte utique bene habebit neque faciens principale poni malorum neque exemplar secundum naturam neque quod cuius gratia secundum se: et enim species et natura ipsorum defectus est et indeterminatio et privatio, et ypostaseos modus, qua utique et dicere consueverunt, parypostasi magis assimilatur.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 242.

¹⁶ “Si igitur ex Providentia omnia et nullum omnium malum secundum quod ex Providentia est et fit: quid mirum, si malum habebit locum in entibus secundum quod ex anima? et idem malum quidem erit singularibus, totis autem bonum, magis autem et singularibus secundum quod quidem ab ipsis malum, secundum quod autem a totis non malum? Non enim operatio solum ex providentia, sed et operans habet le bene. Qualiter igitur bonum in hiis, dico autem hiis que in anima malis: sic enim



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

O filósofo neoplatônico pode, portanto, concluir seu tratado com uma visão mais otimista, reafirmando a universalidade e a infinitude da providência, da qual procede a totalidade dos entes, incluindo o próprio mal que, considerado em sua fonte, também é gerado pelos deuses e, portanto, é bom:

Ora, se estivermos certos em afirmar isso e se todas as coisas provêm da Providência, então também o mal tem seu lugar entre os seres. De fato, os deuses também criam o mal, mas enquanto bem: eles conhecem o mal, pois possuem um conhecimento unitário de tudo, um conhecimento indivisível dos divisíveis, um bom conhecimento dos males, um conhecimento unitário da multiplicidade. De fato, o conhecimento da alma difere do conhecimento do intelecto, que também difere do conhecimento dos próprios deuses. Com efeito, o conhecimento da alma é autocinético, do intelecto é eterno e dos deuses é inefável e unitário, conhecendo e produzindo tudo pelo Uno.¹⁷

II. O problema do mal no capítulo IV do *De divini nominibus*

A indagação de Koch e Stiglmayr sobre a dependência do Pseudo-Dionísio Areopagita de Proclo em relação ao problema do mal está estruturada segundo o método típico do estudo das fontes (*Quellenforschung*), que procura coincidências literais e argumentos iguais ou análogos nos dois autores. Em se tratando da literatura patrística, a *Quellenforschung* tem herdado da tradição iluminista um preconceito para com os autores cristãos, que se explicita em uma falta de originalidade presumida bem como na assunção do princípio de que a cultura dos Padres da Igreja nunca seria de primeira

utique et providentia le credibile habebit neque horum nullum sinens expers se ipsa.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 258.

¹⁷ “Si itaque hec recte dicimus, et omnia utique ex Providentia erunt, et malum habet locum in entibus. Quare et faciunt dii malum, sed tanquam bonum, et cognoscunt ut omnium unialem habentes cognitionem, impartibiliter quidem partibilium, boniformiter autem malorum, unialiter autem multitudinis. Alia enim anime cognitio et alia intellectualis nature, alia deorum ipsorum: hic quidem enim autokinitos (id est ex se mobilis), hic autem eternalis cognitio, hic autem indicibilis et unialis, ipso uno omnia et cognoscens et producens.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 264.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

mão.¹⁸ Conseqüentemente, no confronto entre um autor cristão e outro pagão, este é que ocupa uma posição privilegiada enquanto fonte primária.

O excuro sobre a origem e a natureza do mal no cap. IV do *De divini nominibus* representa um *unicum* que o distingue de todas as outras obras pseudodionisianas que têm chegado até nós.¹⁹ O estilo com o qual o Pseudo-Dionísio escreve sobre esse problema, sem lançar mão de palavras compostas, metáforas, superlativos (que são um dos aspectos mais significativos da escrita pseudodionisiana),²⁰ concentrando-se, ao invés, no que é essencial, destoa do restante da produção escrita do anônimo sírio.

Mas há outro problema que torna árdua a interpretação desse excuro: por que o conceito de mal está presente em um tratado dedicado aos nomes divinos? Tanto na tradição bíblica, quanto na tradição neoplatônica, o Princípio Primeiro, que é Bondade suprema, não pode ser a fonte de qualquer mal naquilo que cria; o próprio Pseudo-Dionísio insiste na absoluta bondade de Deus no começo do capítulo IV:

Prossigamos agora com a explicação da denominação “bem”, que os autores sagrados atribuem exclusivamente à divindade superdivina, separando-a de todas as outras coisas, chamando, creio eu, bondade a própria existência teárquica e afirmando que, por ser o bem enquanto bem substancial, difunde a sua bondade em todos os seres. De fato, como o nosso sol, sem reflexão nem livre escolha, mas pelo fato mesmo de que existe, ilumina as coisas que podem, segundo a sua medida, participar da sua luz, assim também o bem, superior ao sol como o arquétipo incomparável, superior à imagem obscura, a supera, com a sua própria existência envia os raios da sua bondade absoluta, de uma maneira proporcional, a todos os seres (DN 693B).²¹

¹⁸ CORSINI, Eugenio. *Il trattato De divini nominibus dello Pseudo-Dionigi e i commenti neoplatonici al Parmenide*. Torino: G. Giappichelli Ed., 1962, p. 13.

¹⁹ CORSINI, Eugenio. *Il trattato De divini nominibus dello Pseudo-Dionigi e i commenti neoplatonici al Parmenide*, *op. cit.*, nota 8 p. 14.

²⁰ SCAZZOSO, Piero. “Valore del superlativo nel linguaggio pseudo-dionisiano”. In: *Aevum*, Ano 32, Fasc. 5/6 (setembro-dezembro 1958), p. 435.

²¹ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos* (introd., trad. e notas: Bento Silva Santos). São Paulo: Attar Editorial, 1984, p. 89-90.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

Além disso, esse problema do mal não é retomado nas páginas sucessivas do tratado e nem nas outras obras do *Corpus Areopagiticum*, como acontece com os outros temas, fato que o torna aparentemente o menos “pseudodionisiano” de todos. Daí que surge a suspeita desse excursus ter sido um “plágio” da obra de Proclo.

A discussão sobre a origem e a natureza do mal constitui um sério problema teológico, pois a realidade ôntica também é uma teofania do Deus único, e não há nada nela que não proceda completamente de Deus.²² É disso que trata a primeira parte do capítulo IV. O Bem, como o Nome de Deus que aborda a emanção de Deus, é o princípio de todo ser: mas se o único princípio de todo ser é o Bem, então como surge o mal? A transformação metodológica de contemplar os nomes divinos a partir das criaturas, tais como Bem, Ser, Dessemelhante, Paz, Perfeito e Uno, entre outros, acarreta a discussão teológico-filosófica da origem mal, que visa responder a um antigo trilema das teodiceias monistas, a saber:

- (1) como sustentar que há apenas um Deus todo-poderoso criador de tudo,
- (2) que Ele é Bom
- (3) que o mal, no entanto, não pode ser negado.

Diante desse antigo trilema, a resposta do Pseudo-Dionísio se estrutura em três pontos. Em primeiro lugar, ele exclui qualquer possibilidade de haver um mal em si mesmo ou de uma substância maligna:

E nem o mal em si mesmo existiria, se fosse um mal por si mesmo. E, se assim não é, o mal não é totalmente mal, mas conserva uma parcela de bem pela qual existe de todo. E se as coisas existentes desejam o belo e o bem, e se todas as coisas que não agem senão em vista daquilo que parece ser o bem, e se todo o sentido das coisas que existem tem por princípio e fim o bem – pois que nenhuma coisa faz aquilo que faz tomando por modelo a natureza do mal –, como poderá subsistir o mal nos seres? (716C).²³

²² SCHÄFFER, Christian. *Philosophy of Dionysius the Areopagite. An introduction to the structure and the content of the treatise On the divine names*. Leiden - Boston: Brill, 2006, p. 134.

²³ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 110-111.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

Em segundo lugar, para o anônimo sírio, o mal não é nada nem é totalmente inexistente, pois, como ele observa, seria inútil lutar contra o nada; além disso, o Pseudo-Dionísio retoma o mesmo argumento procliano a respeito da contribuição do mal no processo de geração:

Portanto, nas coisas existentes o mal existe, é alguma coisa, se opõe ao bem e é adversário deste. E se o mal é destruição dos seres, isto não o exclui do existir, mas ele também será um ente e gerador dos entes. Ou não sucede frequentemente que a destruição de uma coisa se torna o nascimento de uma outra? E o mal contribuirá para a perfeição do universo e oferecerá ao todo não ser imperfeito graças a ele (DN 717AB).²⁴

Em terceiro lugar, o mal pressupõe um ser substancial ao qual ele possa se apegar e do qual possa se alimentar como um parasita. Pois, se ele é visto como um defeito, uma diminuição ou uma destruição de algo, deve pressupor logicamente esse “algo” positivo sobre o qual ele age negativamente. Além disso, caso o mal destruísse completamente o ser que ele ataca, ele próprio desapareceria. Como uma doença que enfraquece e destrói um organismo vivo, ela necessariamente desaparece no momento da destruição total dessa mesma vida:

Se, de fato, se suprimisse completamente o bem, não existiria nem substância, nem vida, nem movimento, nem apetite, nem outra coisa. Portanto, se da destruição se produz a geração, a causa disto não é a potência do mal, mas a presença do bem em menor quantidade. Da mesma maneira, a doença é uma falta de ordem, não privação total de ordem; pois se a desordem fosse completa, não existiria tampouco a doença; porém, a doença permanece e existe enquanto tem como substância a ordem mínima e nesta subsiste (DN 720C).²⁵

Diante dessas considerações permanece, no entanto, o problema de como o mal, mesmo não sendo algo, possa privar o ser e destruir o bem. A solução pseudodionisiana a todos esses problemas, juntamente com a questão do *status* ontológico do mal como não-ser e seus efeitos sobre o ser, é apresentada com o mesmo argumento de Proclo: o mal é uma *parhypóstasis*, um simulacro de ser:

²⁴ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, *op. cit.*, p. 111-112.

²⁵ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, *op. cit.*, p. 114.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

Aquilo que é totalmente privado do bem não é um ser e não está entre os seres; aquilo, ao contrário, que é misturado [de bem e de mal] está entre os seres por causa do bem, e por isto está entre os seres e existe: porque participa do bem. Antes, todos os seres existirão na mesma medida, maior ou menor, em que participam do bem. De fato, em relação também ao mesmo ser, aquilo que não está em nenhum lugar e de nenhum modo, tampouco existe. E aquilo, ao contrário, que em parte existe e em parte não existe, na medida de sua queda em relação à perpetuidade do ser, é preciso dizer que não existe; mas na medida de sua participação no ser, é verdade que existe, e é graças a esta participação que se conservam e se mantêm juntos a totalidade de seu ser e o que está nele de não-ser (DN 720D-721A).²⁶

Para resumir a discussão mais complexa e exaustiva no *De divini nominibus*, o mal em si não existe e não tem nenhum status ontológico legítimo:

De fato, que uma mesma realidade esteja sob o mesmo aspecto em luta consigo mesma é impossível. Portanto, o mal não é um ser (721B).²⁷

Apesar disso, ele se manifesta no nível da realidade onde parasitariamente priva e destrói os seres individuais em um aspecto ou outro, sempre pressupondo o bem como seu hospedeiro que ele rebaixa como uma *parhypóstasis* perigosamente prejudicial.

A partir desse ponto, o Pseudo-Dionísio Areopagita responde a uma nova questão: o mal como *parhypóstasis* pode ser encontrado na natureza de qualquer ser?

Mas tampouco nos seres existe o mal. Se tudo procede do bem, se o bem está presente em todo lugar e envolve todo ser, ou o mal estará ausente de todo ser, ou estará no próprio bem. Ora, não pode estar no bem, porque, assim como não há frio no fogo, assim não poderá existir o mal naquilo que torna bom até mesmo o mal. Mas, se existir, de que modo estará o mal no bem? (721C).²⁸

²⁶ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 114-115.

²⁷ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 115.

²⁸ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 115-116.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

Se o mal não é uma natureza em si e é totalmente impossível ser tomado *per se*, talvez seja ainda possível pensar sua existência em certas realidades como os anjos, os demônios, as almas, os animais irracionais, o cosmo, os corpos e a matéria. Evidentemente, não há nenhum traço de maldade nos anjos:

Mas tampouco existe nos anjos o mal. Se, de fato, o anjo, que se conforma ao bem, anuncia a bondade divina, visto que secundariamente ele é por participação aquilo que primeiramente o anunciado é por causa, o anjo é, portanto, imagem de Deus, manifestação da luz escondida, espelho puro, perfeitamente límpido, imaculado, incorrupto, sem mistura, capaz, se é justo assim dizer, de receber toda a beleza da forma divina que traz a marca do bem e que faz resplandecer em si de modo puro, enquanto é possível, a bondade do silêncio inacessível (724B).²⁹

Quanto aos demônios, eles também são bons na medida em que estão entre os seres, pois todo ser provém de Deus, e é correto dizer que foram criados por Ele como seres bons:

Mas tampouco os demônios são maus por natureza; se, de fato, o fossem por natureza, não derivariam do bem, não estariam entre os seres, nem teriam modificado a sua condição boa, por ser maus por natureza e desde toda a eternidade. Além disso, são maus para si mesmos ou para os outros? Se o são para si mesmos, destroem a si mesmos; se, ao contrário, o são para os outros, como e que coisa destroem? (724C).³⁰

Somente na medida em que se afastam de Deus, prejudicam e degradam a si mesmos e aos outros, podem ser chamados de maus. O mesmo vale para as almas, para todos os animais irracionais, a natureza, os corpos e a matéria:

Mas diz-se que as almas são más. Se isto deriva do fato de que algumas se juntam às coisas más por providência e por salvação, isto não é um mal, mas um bem que torna o mal em bem (725D-728A).

Mas tampouco nos animais privados de razão existe o mal. De fato, eliminando o furor, a concupiscência e as outras coisas que não são absolutamente segundo sua natureza

²⁹ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, *op. cit.*, p. 117.

³⁰ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, *op. cit.*, p. 117-118.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

própria, o leão, tendo perdido sua força e sua ferocidade, não será mais um leão (728B). Mas tampouco em toda a natureza existe o mal. Se, de fato, todas as razões naturais derivam da natureza tomada no seu todo, nada se opõe a ela (728C).

Mas tampouco nos corpos existe o mal. De fato, a deformidade e a doença são ausência de beleza e privação de ordem. E isto não é um mal em sentido absoluto, mas uma beleza menor (728C-D).

Mas não é menos falso este lugar-comum: “O mal está na matéria enquanto matéria”.

De fato, esta também participa da ordem, da beleza e da forma. E se a matéria, estando fora dessas coisas, estivesse por si mesma privada de qualidade e de forma, como esta poderia fazer alguma coisa, já que por si mesma não tem tampouco a possibilidade de suportar alguma coisa? (729A).³¹

O resultado da discussão ontológica do anônimo sírio sobre o mal é:

- (1) não existe o mal em si, uma vez que o mal em si ou enquanto tal é impossível, nem o mal é uma substância, ou seja, um fator ontológico por si só;
- (2) não existe uma substância maligna, uma vez que as substâncias (na medida em que são seres) são manifestações do Bem e são, portanto, elas próprias boas por participação.

O resumo do Pseudo-Dionísio Areopagita, no penúltimo parágrafo do capítulo, afirma que o mal não é um ser, nem é encontrado nos seres:

Portanto, o mal não é nem ser nem está nos seres. De fato, não existe em nenhuma parte o mal como mal, e o fato de que o mal exista deriva, não da potência, mas da debilidade. O que os demônios possuem de ser tanto provém do bem como é bom; o que, porém, possuem de mau resulta de sua queda em relação aos bens que lhes são próprios, e o fato de terem modificado o seu estado e sua condição é um enfraquecimento da perfeição que convém à sua natureza angélica (733C).³²

³¹ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, *op. cit.*, p. 120-122.

³² DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, *op. cit.*, p. 125.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

O importante aqui é que o mal não é descrito como uma coisa ou uma entidade substancial, mas como uma circunstância ou um acontecimento que não é devido à realidade positiva das substâncias (como são suas forças e potências), mas, ao contrário, a alguma fraqueza, algum déficit ou incapacidade que elas têm. Consequentemente, o Pseudo-Dionísio Areopagita denota o mal como estritamente *contra naturam*.

Enquanto o anônimo sírio tenta esconder habilmente em suas outras obras sua dívida com o pagão Proclo, nesse excurso sua dependência é tão evidente que acaba por se tornar problemática.³³ Cumpre dizer, contudo, que entre tantas semelhanças e concordâncias entre o *De malorum subsistentia* e o cap. IV do *De divini nominibus*, há também diferenças e contraposições. Por exemplo, uma grande divergência em relação a Proclo encontra-se no seu tratamento dos demônios. O Pseudo-Dionísio Areopagita defende a tese de que os demônios foram criados bons (tese que Proclo teria aceitado), mas que se afastaram de seu criador por meio de seu próprio pecado. O mal, então, começa no universo com a queda dos anjos, que, ao cáírem, tornam-se demônios.

Para Proclo, é impossível que os demônios ou outros seres superiores percam sua perfeição inicial. Somente as almas particulares que descem aos corpos podem cair. Outra divergência importante consiste na negação, por parte do Pseudo-Dionísio, de que há maldade nos animais irracionais e nos corpos. Embora em ambos os casos ele use os mesmos exemplos de Proclo, ele distorceu o argumento dele de modo que a chegar à conclusão oposta. Ao fazer isso, o Pseudo-Dionísio se alinha com a ortodoxia cristã, segundo a qual o mal só pode se originar em seres que podem fazer livres escolhas.

III. Confronto sinóptico: convergências e divergências

A semelhança entre o *De malorum subsistentia* de Proclo e o cap. IV do *De divini nominibus* do Pseudo-Dionísio é evidente, na totalidade dos seus pensamentos e nos resultados essenciais, como já Koch e Stiglmaier têm evidenciado em seus importantes estudos. No

³³ PROCLUS. *On the Existence of Evil* (translates by Jan Opsomer & Carlos Steel). London-New York: Bloomsbury Publishing Plc, 2003, p. 7-8.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

entanto, como já foi exposto acima, não há apenas coincidências entre os dois escritos, mas se encontram também divergências muito significativas, e ambas revelam claramente que o texto original é de Proclo, que o Pseudo-Dionísio utiliza como modelo, como vai ser mostrado agora com alguns exemplos extraídos do estudo de Koch.

De malorum subsistentia 4, 200

Pois as maldades se opõem às virtudes, e o modo em que se opõem é evidente a partir de outra forma de vida humana, segundo a qual ao injusto se contrapõe o justo, ao intemperante se contrapõe o temperante e também, se se quiser, considerando a discórdia das almas quando, nos incontinentes, a razão conduz em uma direção mas a paixão em outra, até que no contraste das duas a melhor é vencida pela pior.³⁴

De divini nominibus 717a

Ora, sabe-se que a temperança é contrária à intemperança, e a justiça à injustiça. E não digo que o sábio e o intemperante são contrários em relação ao justo e ao injusto, mas antes mesmo do contraste externo que opõe o virtuoso ao vicioso, na própria alma já, desde o início, os vícios são completamente distintos das virtudes, e contra a razão se elevou a revolta das paixões, e à luz dessas considerações deve-se admitir que existe um mal contrário ao bem.³⁵

É evidente a semelhança do texto do Pseudo-Dionísio em relação ao de Proclo, embora o primeiro omita nessa parte, provavelmente em observância à doutrina cristã, a referência a uma vida preexistente (*ex alia humana vita*) e ao mal que lá ocorre; o mesmo se repete na discussão sobre a alma humana e sua posição em relação ao mal.

³⁴ “Malitie enim contrapugnant virtutibus, et qualiter contrapugnant palam et ex alia humana vita, secundum quam iniusti quidem iustis, intemperati autem temperatis contrariantur, et ex ea que in ipsis, si velis, animabus dissensione, velut quando in incontinentibus ducit quidem ratio alio, cogat autem passio, contrariantibus autem ambobus vincitur quidem melius a deteriori.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 178.

³⁵ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 111.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
 ISSN 1676-5818

***De malorum subsistentia* 4, 200 - 201**

De fato, a própria natureza do bem não foi constituída para discordar de si mesma, mas, sendo criatura de uma só causa e de uma só unidade, ela mantém semelhança, união e amizade consigo mesma.³⁶

Com efeito, nunca um bem menor é contrário a um bem maior, como tampouco um calor menor é contrário a um calor maior e nem um frio menor é contrário a um frio maior.³⁷

***De divini nominibus* 717a**

De fato, o bem não pode ser contrário a si mesmo, mas, enquanto derivado de um só princípio e de uma só causa, se deleita com a comunhão, a unidade e a amizade.³⁸

E não cremos igualmente que um bem menor é o contrário de um maior; tampouco, de fato, aquilo que é menos quente ou menos frio é contrário daquilo que é mais quente e mais frio.³⁹

***De malorum subsistentia* 5, 201**

Todas as coisas têm uma inclinação para o bem.⁴⁰

***De divini nominibus* 713d**

Se o belo e bom é para todos amável, desejável e amado.⁴¹

³⁶ “Non enim boni nata est natura ipsa ad se ipsam dissidere, sed veluti ekgonos (id est genitura) ens unius cause et unitatis unius, similitudineque et unione et amicitia tenetur ad ipsam.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 178.

³⁷ “Nusquam enim contrarium maiori bono le minus, sicut neque maiori calido minus calidum neque magis frigido quod minus.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 178.

³⁸ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 111.

³⁹ *Idem.*

⁴⁰ “Appetitus boni omnibus.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 178.

⁴¹ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 109.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

***De malorum subsistentia* 5, 201**

Toda geração acontece pela corrupção de outra coisa.⁴²

Não havendo geração, o mundo todo ao mesmo tempo será imperfeito [...] isso é necessário para ser suficientemente perfeito, diz o Timeu. [...] se for assim, é necessário haver geração e corrupção⁴³

***De divini nominibus* 717b**

Ou não sucede frequentemente que a destruição de uma coisa se torna o nascimento de outra?

E o mal contribuirá para a perfeição do universo e oferecerá ao todo não ser imperfeito graças a ele.⁴⁴

A dependência do Pseudo-Dionísio Areopagita em relação a Proclo é bastante clara nessas últimas citações. A exposição do filósofo neoplatônico é muito mais detalhada e logicamente rigorosa do que a do anônimo sírio, cujas sentenças parecem pequenos trechos e resumos. Proclo cita *A República* 608e (“Porventura pensas sobre isso o mesmo que eu? O quê? Que tudo o que destrói e corrompe é mau, ao passo que o que salva e preserva é bom”)⁴⁵ no parágrafo 201:

E não é só esta a razão, mas é também porque o mal corrompe qualquer realidade: com efeito, que o mal seja isto foi demonstrado por Sócrates na República, dizendo corretamente que o bem de cada ser é aquilo que conserva cada ser e, por causa disso, todas as coisas têm uma inclinação para o bem.⁴⁶

⁴² “Omnis generatio per alterius fit corruptionem.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula*, op. cit., p. 180.

⁴³ “Et generatione non ente, imperfectus erit simul omnis mundus ... oportet autem, si debeat perfectus sufficienter esse, ait Timeus ... si hoc oportet, et mortalia genera complere le omne.” – DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, op. cit., p. 111-112.

⁴⁴ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, op. cit., p. 111-112.

⁴⁵ PLATÃO. *A República* (trad., introd. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017, p. 475.

⁴⁶ “Et non hac solum, sed et quia malum corruptivum est uniuscuiusque: hoc enim esse malum et qui in Politia Socrates demonstravit, dicens congrue quoniam et bonum est uniuscuiusque quod uniuscuiusque salvativum, propter quod et appetitus boni omnibus.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula*, op. cit., p. 178.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
 ISSN 1676-5818

Além disso o filósofo neoplatônico, no mesmo parágrafo, cita o *Timeu* de Platão (“Deus quis que todas as coisas fossem boas e que, no que estivesse à medida do seu poder, não existisse nada imperfeitos”):⁴⁷

não haveria as espécies dos animais mortais; porém, isso é necessário para ser suficientemente perfeito, diz o *Timeu*.⁴⁸

O Pseudo-Dionísio Areopagita adota o pensamento procleano, mas omite as citações, provavelmente uma prova clara de qual dos dois é o original.

***De malorum subsistentia* 9, 209**

Esse tipo de mal, de fato, não pode ser privado de ser pelo fato de estar misturado com o bem, nem é privado do bem por estar em relação com o ser; com efeito, ele é ao mesmo tempo ser e bem. Vice-versa, o mal absoluto [...] é totalmente privado de ser.⁴⁹

***De divini nominibus* 4, 720d**

Aquilo que é totalmente privado do bem não é um ser bem e não está entre os seres; aquilo, ao contrário, que é misturado [de bem e de mal] está entre os seres por causa do bem, e por isto está entre os seres e existe.⁵⁰

***De malorum subsistentia* 7, 205**

O bem, ao invés, em virtude da plenitude de seu poder, torna possível a mesma privação de si;⁵¹

***De divini nominibus* 4, 721a**

É o bem que, graças à sua plena participação, faz existir também a privação de si mesmo.⁵²

⁴⁷ PLATÃO. *Timeu – Crítias* (trad. do grego, introd. e notas de Rodolfo Lopes). Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011, 30a, p. 97.

⁴⁸ “Mortalia enim in ipsa genera animalium non habebit; oportet autem, si debeat perfectus sufficienter esse, ait Timeus.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 180.

⁴⁹ “Simul enim ens est et bonum. Et quod quidem omniquaque malum primi bonorum decidentia ens et velut exitio, merito et ente privatum est.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 188.

⁵⁰ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 114.

⁵¹ “Bonum autem ergo propter potentie excellentiam potentificat et sui ipsius privationem.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 184-186.

⁵² DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 115.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

***De malorum subsistentia* 9, 207**

Com efeito, que lugar poderia ter entre os seres reais aquilo que não pode participar do bem?⁵³

***De divini nominibus* 4, 720a**

Como seria possível que todas as coisas participassem do bem de maneira uniforme, se nem todas são aptas para dele participar perfeitamente da mesma maneira?⁵⁴

Nos dois autores o pensamento é o mesmo, ou seja, nem tudo o que é da mesma forma tem uma participação no bem, mas cada ser participa em uma medida correspondente à sua essência; se assim não fosse, surgiria a inconsistência de que os seres mais elevados estariam no mesmo nível dos últimos.

***De malorum subsistentia* 9, 207**

Pois, do contrário, todos os seres bons seriam os últimos e seriam eternamente da ordem da matéria.⁵⁵

***De divini nominibus* 4, 720a**

Se, de fato, o bem não estivesse presente de modo proporcional em cada um, as coisas mais divinas e mais excelentes teriam uma ordem semelhante àquelas das últimas.⁵⁶

Tanto Proclo, quanto o Pseudo-Dionísio Areopagita, afirmam que a matéria não pode ser idêntica ao mal, já que a matéria, segundo o filósofo neoplatônico (citando o *Timeu* de Platão), é uma “mãe e ama-de-leite”, o que não pode ser afirmado de algo que é mau em si mesmo. O Pseudo-Dionísio não faz a mesma afirmação da sua fonte, mas pressupõe isso como já estabelecido e reconhecido e o utiliza como exemplo contra a identificação da matéria com o mal. Portanto, aqui temos o mesmo caso acima: o anônimo sírio apenas empresta o pensamento omitindo a citação.

⁵³ “Quid enim utique in entia progressum habebit, bono participare non potens?” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 188.

⁵⁴ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 113.

⁵⁵ “Essent enim utique omnia bona entium ultima, et que eternaliter entia materie ordinem habentia.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 184.

⁵⁶ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 113.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

***De malorum subsistentia* 34, 234**

De fato [Platão], no *Timen*, define a matéria como mãe e ama-de-leite do devir e concausa da construção do universo, ficando claro a todos que a considera um bem, visto que chama o universo um “deus bem-aventurado” e a matéria “parte elementar do mundo”.⁵⁷

***De divini nominibus* 4, 729a**

Se, de outro lado, como dizem, a matéria é necessária para o acabamento de todo o universo, de que modo a matéria é um mal? [...] ou de que modo a matéria, se é má, gera e nutre a natureza?⁵⁸

Proclo não identifica causas produtoras dos males com “princípios e potências”, mas sim com “fraqueza, ausência de força e a mistura desproporcionada de elementos semelhantes”, argumento que também o Pseudo-Dionísio Areopagita alega:

***De malorum subsistentia* 48, 251**

Portanto, os princípios e as potências não são causas produtoras dos males, mas a fraqueza, a ausência de força e a união ou mistura desproporcionada entre elementos semelhantes; e, igualmente, não há modelos eternos e sempre idênticos a si mesmos, mas modelos ilimitados e indeterminados que remetem a outros seres, eles também ilimitados.⁵⁹

***De divini nominibus* 4, 732b**

O que produz o mal não são razões nem potências, mas a impotência, a fraqueza, a mistura desproporcionada de coisas dessemelhantes. O que é mal não conhece nem repouso nem perpetuidade do mesmo estado, mas é infinito e indefinido e flutua através de outras realidades também indefinidas.⁶⁰

Em relação ao corpo, Proclo atribui a presença do mal à falta de razão e de ordem, mesma atribuição que se encontra no cap. IV do *De divini nominibus*; no entanto, quase

⁵⁷ “In Timeo quidem enim matrem et nutricem ipsam generationis vocans et concausam mundi conditure omni manifestus est tanquam bonum ipsam ponens, totum quidem mundum felicem deum nominans, materiam autem mundi particulam.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula*, *op. cit.*, p. 216.

⁵⁸ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, *op. cit.*, p. 122.

⁵⁹ “Neque igitur factiva malorum rationes et potentie, sed impotentia et debilitas et similia <in>-commensurata communio et mixtio; neque rursus exemplaria immobilia quedam et semper eodem modo habentia, sed infinita et interminata et in aliis delata et hiis infinitis.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula*, *op. cit.*, p. 242.

⁶⁰ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, *op. cit.*, p. 123-124.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
 ISSN 1676-5818

no final do tratado, o filósofo neoplatônico acrescenta, como causa da presença do mal nos corpos, a mistura de elementos dessemelhantes (*permixtio dissimilium*) junto como, novamente, a presença de princípios racionais contrários, enquanto para o Pseudo-Dionísio o mal nos corpos não existe, não é causa de mal para a alma e pode existir sem o corpo como nos demônios:

***De malorum subsistentia* 28, 227**

O mal, nos corpos, provém da possibilidade da espécie anterior aos próprios corpos ser subjugada por um elemento inferior; de fato, o corpo se torna feio quando a razão é vencida, e a doença se apresenta quando falta a ordem.⁶¹

***De divini nominibus* 4, 728c-d**

Mas tampouco nos corpos existe o mal. De fato, a deformidade e a doença são ausência de beleza e privação de ordem. E isto não é mal em sentido absoluto, mas uma beleza menor. Se, de fato, existisse uma destruição total de beleza, de forma e de ordem, o próprio corpo desapareceria.⁶³

***De malorum subsistentia* 49, 252**

Mas nos corpos o mal surge da mistura de elementos dessemelhantes – ou seja, a forma e o informe – e ainda da mistura de princípios racionais contrários.⁶²

***De divini nominibus* 4, 728d**

Que o corpo não é causa do mal para a alma é evidente, porque o mal pode subsistir também sem corpo, por exemplo, nos demônios. Isto é na verdade o mal para as inteligências, para as almas e para os corpos: a debilidade e a perda da posse dos seus bens.⁶⁴

Como já foi apontado acima, na consideração sobre os demônios que o Pseudo-Dionísio Areopagita diverge de Proclo. Este, em sua argumentação, sustenta que os

⁶¹ “Corporum autem malitiam ponendum, si que super ipsis species sit vincibilis a deteriori: et enim turpitude que corporalis est, victa ratione, et egritudo, ordine soluto.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 207.

⁶² “In corporibus autem propter dissimilium permixtionem, speciei dico et informis, et iterum contrariarum rationum, per hec palam.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 242.

⁶³ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 121.

⁶⁴ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, p. 121.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

demônios não podem ser chamados de malignos, pois eles têm uma tarefa necessária a cumprir no mundo como um todo. Com efeito, ele escreve:

Portanto, parece que, analisando a questão em modo racional, não seja possível encontrar um traço do mal nem mesmo nos demônios, pois cada um deles opera em base à sua natureza e sempre no mesmo modo. Isso não pode ser considerado um mal.⁶⁵

O autor cristão, obviamente, não pode aceitar essa doutrina dos demônios, que ele modifica de acordo com as *Sagradas Escrituras*. Primeiramente, ele afirma que os demônios não são maus por natureza:

Mas tampouco os demônios são maus por natureza: se, de fato, o fossem por natureza, não derivariam do bem, nem estariam entre os seres, nem teriam modificado a sua condição boa, por seus maus por natureza e desde toda eternidade.⁶⁶

Em segundo lugar, contudo, eles devem ser chamados de maus “porque deixaram de desejar e realizar os bens divinos”⁶⁷ e para eles o mal é

a perversão e o afastamento das coisas que lhes convêm e a incapacidade de atingi-las e a imperfeição e a impotência e o enfraquecimento, fuga e queda da virtude que neles salvaguarda a perfeição. Além disso, que outro mal se encontra nos demônios? Uma cólera insensata, um desejo sem inteligência, uma imaginação perigosa.⁶⁸

O filósofo neoplatônico, ao contrário, defende a tese oposta e, para sustentá-la, lança mão da comparação dos pedagogos e dos sacerdotes pagãos:

Se, ao contrário, os demônios são bons por si mesmos, mas se tornam malvados por causa dos outros que os obrigam a assumir uma natureza menos perfeita, isso seria como definir maus aqueles mestres ou pedagogos que – tendo a tarefa de corrigir os defeitos alheios –

⁶⁵ “Non ergo malum neque in hiis ratio adinvenire videtur: secundum enim ipsorum naturam singuli faciunt que faciunt et semper eodem modo; hoc autem non malum.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula*, *op. cit.*, p. 197.

⁶⁶ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, *op. cit.*, IV, 724C, p. 117.

⁶⁷ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, *op. cit.*, IV, 725A, p. 118.

⁶⁸ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos*, *op. cit.*, IV, 725B, p. 119.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

não permitem aos alunos medianos de conseguirem uma condição superior aos seus méritos; ou, igualmente, seria como definir maus aqueles que, diante dos templos, impedem aos impuros de participarem dos ritos que acontecem dentro deles. Mal, com efeito, não seria o fato de que aqueles que merecem fiquem de fora, mas sim que alguém mereça essa mesma proibição.⁶⁹

Manter os não iniciados longe dos mistérios é um costume muito antigo.⁷⁰ Para o Pseudo-Dionísio Areopagita, no entanto, essa comparação não combina com sua doutrina dos demônios, e assim ele a utiliza para os anjos, nos quais tampouco existe o mal:

O anjo é, portanto, imagem de Deus, manifestação da luz escondida, espelho puro, perfeitamente límpido, imaculado, incorrupto, sem mistura, capaz, se é justo assim dizer, de receber toda a beleza divina que traz a marca do bem e que faz resplandecer em si de modo puro, enquanto é possível, a bondade do silêncio inacessível. Portanto, o mal não está tampouco nos anjos, mas, por punir os pecadores, eles são maus. Segundo este raciocínio, são maus também os que corrigem os que cometem excessos, e também os sacerdotes que afastam o profano dos mistérios divinos.⁷¹

Esta comparação assume, no Pseudo-Dionísio, um novo significado: os sacerdotes dos mistérios são transformados em sacerdotes cristãos, e na igreja também há impuros que não têm permissão para assistir à celebração dos santos mistérios, mas são dispensados após a parte didática do serviço (os catecúmenos e uma parte dos penitentes).

⁶⁹ “Si autem sibi ipsis quidem boni, aliis autem mali in ad deterius ducere, simile ac si quis et doctores vocaret nequam et pedagogos quosdam qui castigatores peccatorum ordinati non permittunt persequentibus fluctuose meliorem ordinem pro conveniente ipsis, aut si quis ipsos ante sacra stantes et inquinatum detinentes extra periolas (id est cortinas) male nominaret, quia participatione intrinsecorum prohibent; erat igitur malum non extra manere dignis, sed esse talis ordinis et talibus prohibitionibus dignum.” – PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula, op. cit.*, p. 197.

⁷⁰ KOCH, Hugo. “Proklus als Quelle des Pseudo - Dionysius Areopagita in der Lehre vom Bösen”. *In: Philologus*, 54, 1895, p. 448.

⁷¹ DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos, op. cit.*, IV, 724B, p. 117.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

Conclusão

A investigação de Hugo Koch e Joseph Stiglmayr demonstrou que o Pseudo-Dionísio Areopagita faz um uso extensivo de Proclo como modelo. Também Opsomer e Steel tiveram a mesma opinião: a longa digressão sobre o mal no cap. IV do *De divini nominibus* pode ser considerada como uma adaptação e um resumo dos argumentos de Proclo no *De malorum subsistentia*.⁷² Segundo eles, o anônimo sírio segue o filósofo neoplatônico passo a passo, acrescentando às vezes um comentário crítico e modificando os pontos de vista inconciliáveis com a doutrina cristã.

Este resumo e adaptação da doutrina de Proclo tem dado ao pequeno opúsculo desse autor uma publicidade e um público leitor que ele jamais poderia ter sonhado, sendo apenas um filósofo pagão marginalizado em Atenas. Graças ao Pseudo-Dionísio, o argumento de Proclo do mal como uma *parhypóstasis* do bem se torna conhecido e é estudado não apenas em Bizâncio, mas também no Ocidente latino, tanto pelas traduções de Hilduino, João Scoto Erígena e João Sarraceno, quanto pelos numerosos comentaristas. Até o século XIX, a doutrina neoplatônica de Proclo sobre o mal como uma espécie de privação ou parasita do bem continuaria a dominar os debates filosóficos sobre o mal.

Desde a descoberta de Koch e Stiglmayr há um perigo constante de o “Pseudo-” eclipsar o “Dionísio” no estudo dos escritos ‘pseudodionisianos’. Essa tendência tem suas raízes nas avaliações e qualificações feitas por esses dois estudiosos, precisamente porque eles não apenas estabeleceram a dependência do Pseudo-Dionísio em relação a Proclo, mas também deduziram uma avaliação normativa a partir disso. Como resultado, a partir daquele momento, os escritos do anônimo sírio têm sido

⁷² PROCLUS. *On the Existence of Evil* (translates by Jan Opsomer & Carlos Steel). London-New York: Bloomsbury Publishing Plc, 2003, p. 4.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
ISSN 1676-5818

considerados quase que exclusivamente uma falsificação, uma fraude ou um plágio de um autor como um mero copista da filosofia de Proclo.⁷³

Entretanto, toda a hermenêutica pseudodionisiana mais avançada (Paul Rorem, Andrew Louth, Alexander Golitzin, Ysabel de Andia, entre outros),⁷⁴ orienta sua interpretação no reconhecimento claro da especificidade cristã do Pseudo-Dionísio, seja quem for se esconda atrás desse pseudônimo. Com efeito, esse cristão sírio encontra os principais componentes e argumentos básicos da explicação neoplatônica do mal nos ensinamentos de Paulo. Quando afirma ser o Dionísio do Areópago, ele quer nos dizer: “tudo o que encontrei nos ensinamentos de meu mestre apostólico, também ouvi dos filósofos de minha época”.

Fontes

- DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos* (introd., trad. e notas: Bento Silva Santos). São Paulo: Attar Editorial, 1984.
- PLATÃO. *Timéu – Crítias* (trad. do grego, introd. e notas de Rodolfo Lopes). Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.
- PLATÃO. *A República* (trad., introd. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.
- PLOTINO. *Enéadas I e II* (trad.: Juvino A. Maia). João Pessoa (PB): Ideia, 2021.
- PROCLO. *Tria opuscula. Providenza – libertà – male*. Francesco D. Paparella (org.). Bompiani: Milano, 2004.
- PROCLUS. *On the Existence of Evil* (translates by Jan Opsomer & Carlos Steel). London-New York: Bloomsbury Publishing Plc, 2003.

⁷³ SCHÄFER, Christian. “The Anonymous Naming of Names: Pseudonymity and Philosophical Program in Dionysius the Areopagite”. In: *American Catholic Philosophical Quarterly* 82 (2008), p. 563-564.

⁷⁴ LOUTH, Andrew. *The origin of the Christian Mystical Tradition. From Plato to Denys*. New York: Oxford University Press, 2007; GOLITZIN, Alexander. *El introibo ad altare Dei. The mystagogy of Dionysius Areopagita, with special references to its predecessor in the Eastern Christian Tradition*. Thessaloniki: Patriarchikon Idroma Paterikōn Meletōn, 1994; DE ANDIA, Ysabel. “Dionysius as a Mystic”. In: *The Oxford Handbook of Dionysius the Areopagite*, p. 653-670.



Ricardo da COSTA; Nicolás MARTÍNEZ SÁEZ (orgs.). *Mirabilia Journal* 37 (2023/2)
Games from Antiquity to Baroque
Jocs, de l'Antiguitat al Barroc
Juegos, de la Antigüedad al Barroco
Jogos, da Antigüidade ao Barroco

Jun-Dic 2023
 ISSN 1676-5818

PROCLUS DIADOCHUS. *Procli Diadochi Tria Opuscula*. Helmut Boese (ed.). Berlin: Walter de Gruyter, 2011.

Bibliografia

- CORSINI, Eugenio. *Il trattato De divini nominibus dello Pseudo-Dionigi e i commenti neoplatonici al Parmenide*. Torino: G. Giappichelli Ed., 1962.
- DE ANDIA, Ysabel. "Dionysius as a Mystic". In: *The Oxford Handbook of Dionysius the Areopagite*, 2022, p. 653-670.
- EDWARDS, Mark, PALLIS, Dimitrios, STEIRIS Georgios (org.). *The Oxford Handbook of Dionysius the Areopagite*. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- GOLITZIN, Alexander. *El introito ad altare Dei. The mystagogy of Dionysius Areopagita, with special references to its predecessor in the Eastern Christian Tradition*. Thessaloniki: Patriarchikon Idruma Paterikōn Meletōn, 1994.
- KOCH, Hugo. "Proklus als Quelle des Pseudo - Dionysius Areopagita in der Lehre vom Bösen". In: *Philologus*, 54, 1895, p. 438-454.
- LOUTH, Andrew. *The origin of the Christian Mystical Tradition. From Plato to Denys*. New York: Oxford University Press, 2007.
- SCAZZOSO, Piero. "Valore del superlativo nel linguaggio pseudo-dionisiano". In: *Aevum*, Ano 32, Fasc. 5/6 (settembre-dicembre 1958), p. 434-446.
- SCHÄFFER, Christian. *Philosophy of Dionysius the Areopagite. An introduction to the structure and the content of the treatise On the divine names*. Leiden - Boston: Brill, 2006.
- SCHÄFER, Christian. "The Anonymous Naming of Names: Pseudonymity and Philosophical Program in Dionysius the Areopagite". In: *American Catholic Philosophical Quarterly* 82 (2008), p. 561-580.
- STILGMAYR, Joseph. "Der Neoplatoniker Proklus als Vorlage des sog. Dionysius Areopagita in der Lehre vom Übel". In: GRAUERT, Hermann - PASTOR, Ludwing - SCHNÜRER, Gustav (org.). *Historische Jahrbuch* (Bd. 16). München: Herder, 1895, p. 253-273.
- STROBEL, Benedikt. *Proklo, Tria opuscula. Textkritisch kommentierte Retroversion der Übersetzung Wilhelms von Moerbeke*. Berlin, München, Boston: De Gruyter, 2014.
- THIRIET, Freddy. *James John Rizzo, Isaak Sebastokrator's « Περί της τῶν Κακῶν Ὑποστάσεως » (De Malorum Subsistentia)*, (Beiträge zur klassischen Philologie, Band 42), 1971. In: *Revue des Études Anciennes*. Tome 76, 1974, n°3-4, pp. 459-460.